

GRANDE SERTÃO: VEREDAS MOSAICO DA VIDA

Mairim Linck Piva*

RESUMO: O estudo enfoca a temática da viagem e da memória em suas diversas configurações na obra *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa. A princípio, parte-se de um plano sócio-espacial em que se percebe a viagem como o deslocamento geográfico pelo sertão, que, ao mesmo tempo, atribui sentido ao trajeto concreto percorrido pelo jagunço Riobaldo e desvela possibilidades de interação e reação entre o ser humano e o mundo circundante e enforma a transformação da personagem-narrador ao longo de sua existência. Assim, a viagem passa também a ser vista como um processo subjetivo de metamorfose, fundamental para a afirmação/encontro da identidade da personagem principal do romance. Paralelamente ao transcurso de Riobaldo pelo sertão e pela busca de sua afirmação pessoal, ocorre o processo de memorização, concretizado pela construção narrativa. A análise da fluidez tanto da memória como da ordenação e da "verdade" da narrativa são elementos fundamentais para a compreensão desse outro plano de "viagem" que se estabelece na obra e contribui para a noção de constante construção/mutação dos valores e da própria *vida humana* celebrada nas páginas de *Grande sertão: veredas*.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura brasileira; Crítica; Romance; Guimarães Rosa; *Grande sertão: veredas*.

O senhor... Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas - mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou. Isso que me alegra, montão (Guimarães Rosa, 1984, p.22).

O eterno movimento de mutação, as constantes alterações, a impossibilidade de estagnação e de definições fechadas do que há no

* Doutoranda em Teoria da Literatura, PUC/RS.

mundo são elementos definidores do cosmos instaurado no romance *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa.

O romance abre-se em diferentes planos de movimentação tanto espacial quanto temporal. O leitor é convidado a participar de uma grande travessia: a vida humana. Travessia perigosa, sem portos seguros no caminho, pois, com um duplo filtro, o da narração e também o da memória, tudo se apresenta ainda mais provisório, mais instável, capaz de mudar de acordo com os ventos que regem o ato de rememorar - nem sempre lógico, ordeiro, linear - e o ato de narrar - regido pelas mesmas possibilidades de ilogicidade, fragmentação, e, principalmente, liberdade de criação, de ficcionalização.

A travessia nos leva à viagem, tema que é uma constante literária. Mesmo a épica guerreira como a *Ilíada* pressupõe a viagem e seus percalços; mas é notadamente com a *Odisséia* que surge a viagem como a grande peregrinação de um herói e como um processo de amadurecimento para a conquista dos grandes prêmios da vida: o amor, a fama, o poder. Ulisses precisa passar por todas as dificuldades de seu retorno ao lar, primeiro como líder de um grupo e depois individualmente, para que possa reinar em sua Ítaca e em seu lar. As viagens podem ter como culminância o surgimento de um novo mundo, de uma nova nação ou povo, como a viagem de Enéias, na *Eneida*, de Virgílio, ou pode ainda ser a confirmação do poder de um povo através das atitudes heróicas e conquistadoras de seus representantes, como relata Camões n' *Os Lusíadas*.

Assim, as viagens de dimensões físicas, revelando a superação de dificuldades práticas, representam, na tradição literária - e épica-, um processo de iniciação, preparação e maturação do ser humano para atingir suas conquistas no espaço físico e social.

Assim como os heróis épicos, o jagunço Riobaldo, em *Grande Sertão: veredas*, empreende sua viagem pela região do sertão brasileiro.

Essa viagem transcorre no plano físico, nas terras do sertão de Minas, Goiás e Bahia. Apesar das nítidas referências às marcas geográficas relativas ao meio percorrido na trajetória da narrativa,

como a localidades existentes e a acidentes geográficos, o que permite demarcar os movimentos dos jagunços no sertão, podendo ser traçados os itinerários por eles percorridos¹, esse espaço é também apontado como um universo sem limites claros, cuja definição depende das impressões do ser humano:

...isto é o sertão. Uns querem que não seja: que situado sertão é por os campos-gerais a fora a dentro, eles dizem, fim de rumo, terras altas, demais do Urucuia. Toleima. Para os de Corinto e Curvelo, então, o aqui não é dito sertão? Ah, que tem maio! Lugar sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fecho; onde um pode torar dez, quinze léguas, sem topar com casa de morador; e onde o criminoso vive seu cristo-jesus, arredado do arrocho de autoridade.(...) Os gerais corre em volta. Esses gerais são sem tamanho. Enfim, cada um o quer aprova, o senhor sabe: pão ou pães é questão de opiniões... O sertão está em toda parte (p.8).

Se o sertão está em toda a parte, ele é a própria existência daqueles que com ele ou nele vivem. Há uma profunda identificação entre o sertão, *que é do tamanho do mundo* (p.68), e o viver das personagens. Ambos, a vida e o sertão, são objeto de travessia, configurando-se de forma semelhante, o que, no romance, significa ausência de nítidos contornos, mutação, ambigüidade: *sertão é isto, o senhor sabe: tudo incerto, tudo certo* (p.146).

A viagem do jovem Riobaldo-jagunço pelo sertão se repete na narração de Riobaldo-fazendeiro que, no presente, conforme afirma: *feita a folga que me vem, e sem pequenos dessorsegos, estou de range rede. E me inventei neste gosto, de especular idéia* (p.9). Para especular idéia é que perscruta sua memória com o intuito de fazer emergir suas ações e aventuras do passado.

As aventuras de Riobaldo e sua peregrinação iniciam-se com o rompimento com um mundo seguro e familiar quando o jovem Riobaldo foge da fazenda de seu padrinho Selorico Mendes - a mudança para a fazenda depois da morte da mãe não fora uma opção

¹ Ver a esse respeito a obra de Alan Viggiano, *Itinerários de Riobaldo Tatarana*, em que o autor procura identificar os lugares citados na narrativa com lugares concretos do espaço geográfico brasileiro, procurando traçar em mapas os possíveis caminhos que os jagunços poderiam ter percorrido no sertão do Brasil.

da personagem, por isso não parece ser o ponto inicial de suas aventuras de adulto. A saída abrupta e escondida da fazenda não apresenta uma motivação absolutamente clara para a personagem, pois não há uma razão concreta que o impele à ação, além da possível indignação pela possibilidade de ser, na verdade, filho de Selorico Mendes, o que não explica sua fuga: "Razão por que fiz? Sei ou não sei. De ás, eu pensava claro, acho que de bês não pensei não. Eu queria o ferver" (p.114). Ele parte para o mundo, que está em constante ebulição assim como seu universo interior.

A sua partida, abandonando uma vida de comodidades em que a personagem não se define pelas ações que executa - pois, tanto na fazenda do padrinho, quanto na casa do mestre que lhe ensinou as primeiras lições, levava uma vida com poucas atividades de iniciativa própria - marca o início das configurações de seu papel social. Começa tendo que se sustentar, torna-se então professor de Zé Bebelo, e, a seguir, devido às circunstâncias e a sua incapacidade de decidir sobre suas próprias aspirações, transforma-se em uma espécie de auxiliar-soldado na campanha de Zé Bebelo contra os jagunços.

Assim como fugira de seu padrinho, foge da companhia de Zé Bebelo, agora talvez motivado pela não identificação com a violência nas lutas, violência que, no entanto, irá paulatinamente entrar no seu viver de homem sertanejo, pois Riobaldo cada vez mais mostra-se um ser identificado com o mundo que o circunda: *sertão é isto: o senhor empurra para trás, mas de repente ele volta a rodear o senhor dos lados. Sertão é quando a gente menos espera* (p.267). E nesse mundo que o envolve, predomina o uso da força, que é poderosa o suficiente para destruir até mesmo a vida, mas que, paradoxalmente, pode se revelar através de algo menor: *Sertão. O senhor sabe: sertão é onde manda quem é forte, com as astúcias. Deus mesmo, quando vier, que venha armado! E bala é um pedacinhozinho de metal...* (p.18).

Negando-se a participar da ação contra os jagunços, Riobaldo acaba por se deixar conduzir para um novo caminho que será eternamente de amor e ódio: mergulha no mundo violento dos jagunços e tem ao seu lado Reinaldo/Diadorim, companheiro, cuja identidade ambígua simbolizará os paradoxos da existência que

enfrentará na nova vida: amor e ódio; amor sensual e amor espiritual; desejo e racionalidade; companheirismo e possibilidade de destruição.

A trajetória da personagem será sempre marcada pela tentativa de definir seu próprio espaço, de se conhecer. A construção de sua identidade se faz numa dialética de integração e de distinção com o mundo sertanejo, com o universo dos jagunços. Ao mesmo tempo que é envolvido pelo sertão, que mergulha no meio dos jagunços, percebe-se como diferente, marcado por uma capacidade de racionalização ausente nos demais, o que não só o diferencia, como o isola muitas vezes:

Sendo que eu soube que eu era mesmo de outras extrações (p.153).
que eu era muito diverso deles todos, que sim. Então, eu já não era jagunço completo, estava ali no meio executando um erro. Tudo receei. Eles não pensavam.(...) Sozinho estive (p.334).

No entanto, se a racionalidade o distingue, as necessidades humanas vitais o aproximam dos demais. É assim que apesar de não desejar o sexo como os companheiros - para quem a violência poderia estar relacionada à prática sexual- é, como eles, tomado pelos desejos sexuais, o que o faz concluir que : "Então, eu era diferente de todos ali? Era. Por meu bom. [em não aceitar o abuso sexual] (...) *E eu era igual àqueles homens? Era [por sentir falta de uma mulher]*" (p.161).

Essa ambivalência fará com que esteja sempre tentando saber qual o seu lugar naquele mundo, integrando-se e, ao mesmo tempo, sempre se distinguindo: "Eu, quem é que eu era? De que lado eu era? Zé Bebelo ou Joca Ramiro? Titão Passos... o Reinaldo.. De ninguém eu era. Eu era de mim. Eu, Riobaldo" (p.141).

A narrativa reforça a imagem de Riobaldo sempre sem limites e em constante mutação, como as paisagens do sertão que percorre, desde os Gerais, os caminhos ribeirinhos do São Francisco ou do seu rio favorito, o Urucuia, a aridez do Liso do Suçuarão. Assim, como os caminhos, suas andanças e ações vão marcando também as diferentes visões que os outros possuem dele como jagunço. Dessa forma, muitas vezes procurarão alcinhá-lo de acordo com o desenvolvimento de suas habilidades, em especial a de ser um exímio atirador. Porém,

apesar de manter um centro constante, ser Riobaldo-mesmo, o seu desejo incessante de movimento interior não permite alcunhas representativas de apenas uma faceta ou momento definido:

quiseram pôr apelido em mim: primeiro *Cerzidor*, depois *Tatarana*, lagarta de fogo. Mas firme não pegou. Em mim, apelido quase que não pegava. Será: eu nunca esbarro pelo quieto, num feito? (p.152). Acho que eu não era capaz de ser uma coisa só o tempo todo (p.438).

A necessidade de se definir esbarra na dificuldade da vida de não ser estável: "a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta" (p.297). Se para Riobaldo não é possível definir-se de forma simples é porque, apesar de seu desejo, todos os seres que o rodeiam possuem muitas facetas. O desejo de um mundo ordenado transparece no maniqueísmo de certos desejos seus:

eu careço de que o bom seja bom e o ruim ruim, que dum lado esteja o preto e do outro o branco, que o feio fique bem apartado do bonito e a alegria longe da tristeza! Quero todos os pastos demarcados... Como é que posso com este mundo? A vida é ingrata no macio de si; mas transtroz a esperança mesmo no meio do fel do desespero. Ao que este mundo é muito misturado... (p.207).

Por tudo ser *misturado*, no mundo dos jagunços também não é possível se distinguir as pessoas apenas por suas ações exteriores, pois apesar de praticarem a violência, nem todos estão embrutecidos por ela, são capazes de reconhecer a bondade ou aqueles que são mais dignos entre todos, como ocorre com Joca Ramiro, o grande chefe da jagunçagem. Sua morte, pela mão de jagunços, faz um dos chefes, Titão Passos, lamentá-lo, reconhecendo sua chefia naquele meio, mas distinguindo-o: "Um homem de tão alta bondade tinha mesmo de correr perigo de morte, mais cedo mais tarde, vivendo no meio de gente tão ruim..."- ele me disse, dizendo num modo que parecia ele não fosse também jagunço, como era de ser (p.278).

O caráter polissêmico das personagens², que possuem um papel social definido e, ao mesmo tempo, são múltiplas em sua forma

² Conforme destaca M. Cavalcanti Proença (1958, p.10), no primeiro capítulo.

de ser, faz com que elas sejam seres humanos acima de serem jagunços. Devido a isso é que somente convenções podem distribuir seus espaços e “companheiros” ou “inimigos” tornam-se definições muito circunstanciais nesse universo: “Assim que, então, os de lá - os judas - não deviam de ser somente os cachorros endoidecidos; mas, em tanto, pessoas, feito nós, jagunços em situação” (p.338).

A dualidade da personagem Riobaldo, e a dificuldade de encontrar a estabilidade desejada é também visível nos seus amores. De um lado, segue com a lembrança pura e amorosa de Otacília, a noiva que o espera na fazenda Santa Catarina; sua Penélope fiel na terra distante dos conflitos mundanos. De outro, alimenta-se com a memória do amor carnal vivido e prazeroso da prostituta Nhorinhá, na Aroeira. Porém, como a vida é muito misturada, não só essas lembranças se mesclam, como o amor não é representado apenas nessas duas faces claramente distintas. Há Diadorim: o Menino que o marcou no encontro da infância, o jagunço Reinaldo que o introduziu no universo contrário da lei e da ordem urbana, como era o do grupo de Zé Bebelo, de onde deserdou.

Diadorim é o ser marcado pela ambigüidade: é aquele que revela as delicadezas da natureza a Riobaldo, é o companheiro que o incentiva a permanecer no grupo nos momentos de indecisão, mas é também um ser dominado pelo ódio e pelo desejo de vingar a morte do pai Joca Ramiro. Diadorim representa ainda a marca da irrealização, pois obrigado a ser diferente de todos - “sou diferente de todo mundo. Meu pai disse que careço de ser diferente, muito diferente” (p.102) – assim o será pela negação da sua sexualidade, da sua feminilidade. Se, como Riobaldo, integra-se aos jagunços pela sua força e valentia, sua diferenciação não se faz pela tentativa de se encontrar, de reconhecer sua interioridade, sua multiplicidade, mas exatamente por sua condição de negação do múltiplo que representa, e por isso, será sempre um signo de irrealização. Na relação com Diadorim, revelar-se-á a potência máxima de amor que Riobaldo irá sentir, mas que, por seu caráter interdito, na aparência e na essência do companheiro, será também o sofrimento maior, o duelo constante a que irá se expor:

Gostava de Diadorim dum jeito condenado; nem pensava mais que gostava, mas aí já sabia que já gostava em sempre (p.87).

Gostava e não gostava. Sei, sei que, no meu, eu gostava, permanente. Mas a natureza da gente é muito segundas-e-sábados. Tem dia e tem noite, versáteis, em amizade de amor (p.168).

Meu corpo gostava de Diadorim (p.170).

De que jeito eu podia amar um homem, meu de natureza igual, macho em suas roupas e suas armas... (p.462).

Diadorim era um impossível (p.458).

Cindido em seus amores, certo da impossibilidade de realizá-los todos no mundo das ações, Riobaldo, enquanto procura seu espaço no mundo, irá tentar mantê-los juntos dentro de si, como uma força motriz para a grande travessia que deve empreender: "Coração mistura amores. Tudo cabe (p.176)/ *flor do amor tem muitos nomes*. (...) Confusa é a vida da gente" (p.178).

Não conseguindo entender sua posição no mundo, por querer que tudo fosse claro, por desejar que *todos os pastos* fossem *demarcados*, não percebendo que a vida é como o coração em que tudo está misturado, e nem por isso deixa de ter existência, Riobaldo sofre nesse mundo inconstante.

Uma das peripécias que marcam esse sofrimento mundano é a primeira tentativa de travessia do Liso do Suçuarão, comandada por Medeiro Vaz. Seguindo na jagunçagem por influência de Diadorim, mas sem se decidir a assumir plenamente sua condição de jagunço, Riobaldo desce ao inferno da travessia mas não consegue iluminar sua mente com uma visão melhor de seu papel e de seu futuro. Para Riobaldo, em contraste com os heróis épicos (como Ulisses e Enéias) em cujas descidas aos mundos inferiores, representados por um espaço físico diferente do que habitavam usualmente, percebiam seu mundo e seu futuro de forma mais nítida, a penetração no espaço inóspito e inumano do Suçuarão não representa uma tomada de conhecimento. Tanto assim o é que, fracassando na tentativa da travessia, Riobaldo não é capaz de perceber a essência humana presente nas aparências mais diversas e partilha do engano dos

companheiros, que matam um menino por confundi-lo com um animal.

O verdadeiro mergulho da personagem não será em um espaço físico diverso, mas sim em sua interioridade. Para suas ações tornarem-se eficazes no mundo, será preciso reconhecer sua multiplicidade, enquanto homem e, principalmente, enquanto jagunço. Se conviver com seus diferentes amores é um passo para esse reconhecimento, perceber os outros como multifacetados, e por isso nem dignos de desprezo total, nem de idolatria, é também outro passo fundamental. Para isso, a definição de sua relação com Zé Bebelo, seu primeiro guia no mundo sertanejo, irá mostrar-se como o início da tomada de consciência da personagem.

Zé Bebelo, apesar de abandonado no princípio, será por muito tempo o ídolo de Riobaldo. Mesmo entre os jagunços, torcerá para o sucesso desse. “eu via que estava desejando que Zé Bebelo vencesse, porque era ele quem estava com a razão. Zé Bebelo devia de vir, forte viesse: liquidar mesmo, a rás, com o inferno da jagunçada” (p.160).

Bebelo representa o lado civilizado-culto, o da racionalidade de Riobaldo: “Por ele eu crescia admiração, e que era estima e fiança, respeito. Da pessoa dele, da grande cabeça dele” (p.365). A distinção de Bebelo era ainda maior no universo jagunço em que a capacidade de desenvolvimento intelectual, tão cara a Riobaldo, era quase inexistente: “Por simples que a companheirada naqueles derradeios tempos me caceteava com um enjô, todos eu achava muito ignorantes, grosseiros cabras” (p.58). Tanto quanto Bebelo queria colocar ordem no sertão, separando a lei e os fora-da-lei, Riobaldo queria pôr ordem nessa vida tão remexida, nesse mundo sem clareza. Como a possibilidade de demarcar - as funções sociais, o espaço físico, o caráter dos homens -, mostra-se algo impossível, é também o rompimento com Zé Bebelo que mostra o quanto Riobaldo começa a assumir a multiplicidade da vida, e sua própria posição no universo que habita.

Digo que, no nível trivial, Zé Bebelo me indispunha com algum enjôo. Zé Bebelo só tinha graça para mim era na beira dos acontecimentos - horas de se fazer. O traquejar. Se não, aquela mente de prosa já me aborrecia. (...) Me cansava (p. 295- 296). naquela hora achava Zé Bebelo inferior (p.398).

Sua tomada de consciência é o desejo de entender, de aprender, de conhecer. Para ser humano é preciso desvendar o sentido das coisas no mundo, primeiro pelo caminho da racionalidade, herança de Zé Bebelo:

obedecer é mais fácil do que entender. Era? Não sou cão, não sou coisa. Antes isto, que sei, para se ter ódio da vida: que força a gente a ser filho-pequeno de estranhos... "Ah, o que eu não entendo, isso é que é capaz de me matar..."- me lembrei dessas palavras. Mas palavras que, em outra ocasião, quem tinha falado era Zé Bebelo, mesmo (p.307).

Fazendo um balanço de sua existência, Riobaldo mostra-se então insatisfeito com sua posição: "tanta coisa já passada; e, que é que eu era? Um raso jagunço atirador, cachorrando por este sertão" (p.377). Percebe que é preciso pensar, analisar seu mundo para perceber em que estava envolvido, quer ser parte ativa de um processo, não quer se deixar levar por hábitos cujos sentido deixou de apreender na rotina da vida: *A verdade dessa menção, num instante eu achei e completei: e quantas outras doideiras assim haviam de estar regendo o costume da vida da gente, e eu não era capaz de acertar com elas todas, de uma vez* (p.380).

Um dos pontos fundamentais no processo de conhecer, e de se auto-conhecer, é, para Riobaldo, definir sua posição no meio dos jagunços. Sempre se sentindo diferente, não conseguia, no entanto, separar-se dos companheiros, mas receava fazer parte definitiva de seu universo, rejeitando a idéia de chefia-lo mais de uma vez:

Eu não queria ser chefe (p.74).

De ser chefe, mesmo, era o que eu tinha menos vontade (p.280).

Então eu não me conhecia? Um como o meu retraimento, de nascença, deserdado de qualquer lábria ou possança nos outros - eu era o contrário de um mandador (p.350).

A forma de integrar-se e de manter-se distinto no meio dos jagunços é uma só: tornar-se chefe, ser um líder de uma nova ordem. Assumir a possibilidade de liderança é o marco inicial que o impulsiona no mergulho ao mundo do seu conhecimento:

Daí eu tomava o comandamento, o competentemente - eu mesmo! (...) Mesmo não gostando de ser chefe. (...) eu era Riobaldo, Riobaldo, Riobaldo! (...) estive todo tranqüilizado e um só, e insensato resolvido tanto, que mesmo acho que aquele, na minha vida, foi o ponto e ponto e ponto (p.312).

Porém, se parte do caminho do conhecimento provém da racionalidade, outra parte rompe com o universo lógico. Homem do sertão sem limites, Riobaldo precisa também assumir o lado mítico da existência para dominar o conhecimento de forma mais ampla. O universo do mito aparece no mundo de Riobaldo através da sua relação com as forças religiosas, mais especificamente, no embate que trava sobre a existência do demônio. Na sua primeira tentativa de organizar o mundo, no seu desejo de que tudo seja separado, *o preto do branco, o bonito do feio*, havia a necessidade de pensar em uma força única e sintética, maior que o homem fragmentado, para comandar o universo: Deus. Para isso era fundamental negar a existência de uma outra força que pudesse promover um jogo de tensões no mundo e no ser humano: o Demônio. Ciente de que tudo é múltiplo, é preciso enfrentar e vencer o medo da figura que simbolizaria essa força mutante, a figura que obrigaria a perceber que nada apresenta apenas uma face, como a da bondade e da estabilidade de Deus.

Mergulhando dentro de si, Riobaldo mergulha no universo do mito para encontrar também a razão. Marcando o encontro com o demo, a personagem procura assumir todas as possibilidades de se encarar a vida. A madrugada do intencionado pacto, que acaba com o surgimento das primeiras luzes do amanhecer, é o verdadeiro mergulho no inferno, de onde emerge com a consciência da sua multiplicidade. A partir daí, com *o cômputo da alma mudado*, como lhe afirma Diadorim em certo momento, Riobaldo assume seu papel de líder: *Tudo agora reluzia com clareza, ocupando minhas idéias.*

A integração da personagem ocorre porque passou a se conhecer, e conhece sua terra, sabe que não é seu dono, mas uma das muitas partes do sertão: “Rebulir com o sertão como dono? Mas o sertão era para, aos poucos e poucos, se ir obedecendo a ele; não era para a força se compor” (p.350).

Riobaldo finalmente reconhecendo suas potencialidades, seu papel no mundo dos jagunços, aceitando-se como um deles, e, ao mesmo tempo como um diferente, mas não pela negação ou segregação, mas sim pela liderança como forma de integração que marca sua individualidade, não é mais parte amorfa de um bando, é o *Urutu-Branco*, um nome, um ser especialmente definido, constituído pela razão, pelo universo mítico e pelo amor múltiplo.

É assim que a viagem compõe a personalidade do herói: como paradoxo, sempre na duplicidade da diferenciação - destaca-se como líder - e da integração com o universo circundante - é o jagunço-homem-sertão; como um ser cujos limites são variáveis, como o sertão, Riobaldo passa a marcar sua identidade e a receber suas vitórias.

É importante ressaltar que suas vitórias distanciam-no do padrão dos heróis clássicos porque não é uma conquista territorial, é um princípio de compreensão, e, assim, tomada de posse, de uma parte de si mesmo. Além disso, Riobaldo, como salienta Eduardo Coutinho (1993, p.80), “ao contrário dos heróis clássicos, é exemplo típico de personalidade dividida”: reluta em aceitar sua posição de jagunço, mostra-se cheio de indecisões no desenrolar, tanto das suas aventuras, como também da sua narração como analisar-se-á a seguir, e é dominado freqüentemente pelo medo.

Apesar das diferenciações com o padrão clássico de herói, a viagem de Riobaldo no plano físico configura-se como marca da construção/descoberta de uma identidade própria. Considerando que o ser humano muda sempre, a identidade que se formou na peregrinação da vida de jagunço não é eterna, logo suas conquistas são sempre provisórias (Coutinho, op. cit., p.26). No desenrolar da sua existência, a personagem tomará outras configurações, sendo, por

isso, uma nova viagem necessária, agora não no espaço, mas no tempo, através da rememoração e da construção narrativa.

Apesar de afirmar que sua "vida não deixa benfeitorias" (p.60), a personagem não se insere na linha de personagens como Brás Cubas³, da obra de Machado de Assis, pois procurará construir algo novo, para deixar ao mundo: a afirmação da força da humanidade em suas complexidades. Para construir esse legado, o narrador irá tentar "driblar" as inconstâncias da existência e a figura daquele que associa ao poder de inquietá-lo sempre, o demo, através de uma nova tentativa de ordenação do mundo pela racionalidade e pela narração. O ato de narrar pode ser visto como uma tentativa de se atingir uma unidade, de se legar uma nova visão ordenada e cujos significados passem a ser mais estáveis, apreensíveis para a compreensão.

A viagem em *Grande Sertão: veredas* é, então, primordialmente pela memória, o que nos remete à tradição literária relacionada ao tema "memórias", apontando para uma noção de viagem não mais apenas no espaço, mas também no tempo. Isso se faz presente na ficção em obras como a já citada *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, em que o presente do narrador, já distanciado inclusive da vida nesse caso, recria os eventos, viajando por toda a sua existência. Mas em *Grande Sertão*, como em *Viagens na minha terra*, de Almeida Garrett, uma obra de viagem dupla, espaço-temporal, há uma luta, em primeira instância, contra a decomposição, contra o desgaste, tanto da vida, como da própria memória.

Riobaldo procura em alguns momentos acentuar a credibilidade de sua memória, mostrando-se como capaz de armazenar e lembrar com clareza certas passagens de sua vida, como, por exemplo, quando fala da infância - *o senhor já viu que tenho retentiva que não falta, recordo tudo da minha meninice* (p.40) - ou quando, no estilo de um narrador épico, - descrevendo a origem dos nobres antes de uma batalha- , enumera os nomes de cada um dos companheiros de luta, *Amostro, para o senhor ver que eu alembro*.

³ Essa comparação toma por base, principalmente, o capítulo final da obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, intitulado "Das negativas" em que a ausência de feitos da personagem é assinalada.

Afora algum que eu me esqueci - isto é: mais muitos... (p.299). Porém, já nessa última passagem, se percebe a ambigüidade de suas afirmações: lembra todos, menos os muitos que esqueceu.

A falibilidade da memória irá minar a possibilidade de haver um relato exato e mimético dos fatos passados. A narração não pode ser tomada como reprodução da história porque sua fonte não é segura, pois é permeada tanto pelo esquecimento quanto pela valoração afetiva e judicativa que se agregam no presente aos fatos do passado:

A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, uns com os outros acho que nem não misturam. Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo as coisas de rasa importância. De cada vivimento que eu real tive, de alegria forte ou pesar, cada vez daquela hoje vejo que eu era como se fosse diferente pessoa. Sucedido desgovernado. Assim, eu acho, assim é que eu conto. O senhor é bondoso de me ouvir. Tem horas antigas que ficaram muito mais perto da gente do que outras, de recente data (p.92).

A dificuldade de reproduzir não é, no entanto, problema para o narrador, pois ele não quer lançar seu olhar para a aparência das coisas, quer é apreender os sentidos mais amplos do viver: "Eu queria decifrar as coisas que são importantes. E estou contando não uma vida de sertanejo, seja se for jagunço, mas a matéria vertente" (p.93). Depois de aprender com seu compadre Quelemém a desejar "não o caso inteirado em si, mas a sobre-coisa, a outra-coisa" (p.185), Riobaldo utiliza o seu ouvinte como instrumento para repensar o valor dos fatos, procurar extrair, agora que está mais distanciado do perigo de viver, da instabilidade da ação, uma reflexão que desvele a significação da vida humana:

O senhor é de fora, meu amigo mas meu estranho. Mas, talvez por isto mesmo. Falar com estranho assim, que bem ouve e logo longe se vai embora, é um segundo proveito: faz do jeito que eu falasse mais mesmo comigo (p.37).

Esta vida é de cabeça-para-baixo, ninguém pode medir suas perdas e colheitas. Mas conto. Conto para mim, conto para o senhor (p.135).

Agora, neste dia nosso, com o senhor mesmo - me escutando com devoção assim - é que aos poucos vou indo aprendendo a contar corrigido (p.185).

O interlocutor de Riobaldo além de mote para trazer novamente ao mundo as ações transcorridas é também um suporte intelectual para o sertanejo que sempre admirou a capacidade de raciocínio das pessoas, por exemplo, em Zé Bebelo, e que se distinguia ele mesmo dos demais por ter necessidade de querer pensar. A proximidade com o mundo culto estimula os questionamentos do narrador, que procura colocar a racionalidade em um patamar de destaque: "Inveja minha pura é de uns conforme o senhor, com toda leitura e suma doutoração (p.13) / O que invejo é sua instrução do senhor..." (p.56). O elogio da "instrução" é uma forma de procurar respostas em um espaço mais estável, menos mutável que o das ações no plano físico. Além disso, enfatizando a razão, Riobaldo mostra o seu desejo de que essa sobrepuje o universo mítico, ponto fulcral de suas inquietações.

Através de diversas passagens, evidencia-se que não há preocupação com uma recuperação da história como dado concreto, pois não é uma retomada biográfica que está sendo feita, a qual, seria inútil na perspectiva do narrador: "De tudo não falo. Não tenciono relatar ao senhor minha vida em dobrados passos; servia para que? Quero é armar o ponto dum fato, para depois lhe pedir um conselho" (p.202).

Há uma ambigüidade entre querer ordenar o mundo para extrair a compreensão dos fatos, principalmente da essência da vida que está por trás dos fatos, a *sobre-coisa*, e a desordenação a que o fluxo da narrativa está sempre exposto:

Ai, arre, mas: que esta minha boca não tem ordem nenhuma. Estou contando fora, coisas divagadas (p.20).

Essas coisas todas se passaram tempos depois. Talhei de avanço, em minha história. O senhor tolere minhas más devassas no contar. É ignorância. Eu não converso com ninguém de fora, quase. Não sei contar direito (p.185).

fato que ao senhor retardei: devido que mesmo um contador habilidoso não ajeita de relatar as peripécias todas de uma vez (p.389).

Riobaldo problematiza sua narração evidenciando o caráter instável do ato de rememorar que, ao ser concretizado pela palavra daquele que está distanciado dos eventos, irá imiscuir-se de valorações e reflexões da personagem que os viveu concretamente mas que, também, ao narrar, pode estar simplesmente agindo como o poeta - no sentido aristotélico - de contar como tudo *poderia* ter sido:

Contar é muito, muito dificultoso. Não pelos anos que já se passaram. Mas pela astúcia que têm certas coisas passadas - de fazer balancê, de se remexerem dos lugares. O que eu falei foi exato? Foi. Mas teria sido? Agora, acho que nem não. São tantas horas de pessoas, tantas coisas em tantos tempos, tudo miúdo cruzado. Se eu fosse filho de mais ação, e menos idéia, isso sim, tinha escapulado (p.172).

É assim que o narrador, apesar de enfatizar sua boa memória, acaba por alertar seu ouvinte/leitor da possibilidade de se estar no mundo que não é só da rememoração, mas também da ficcionalização. Tudo pode ter sido como o relatado, ou não. O alerta sobre as alterações, sobre o que foi e o que poderia ter sido, surgem em trechos como os que se referem a uma pedra preciosa garimpada, cujo destino final foi a amada Otacília. Pedra de ametista ou topázio? As referências reiteradas à pedra alternam sua caracterização, como o próprio narrador admite em certo ponto: "pedra de ametista ... a pedra era de topázio - só no bocal da idéia de contar é que erro e troco - o confuso assim" (p.531).

Outro momento sinalizador de que os fatos foram traduzidos pela visão daquele que os narra é o do relato da tomada da chefia dos jagunços por Riobaldo: "a verdade instantânea dum fato, a gente vai departir, e ninguém crê. Acham que é um falso narrar. (...) Arte que virei chefe. Assim exato é que foi, juro ao senhor. Outros é que contam de outra maneira" (p.407).

São fluidas, então, as fronteiras entre o projeto de reprodução dos fatos ocorridos e a possibilidade de ficcionalização dos mesmos no momento de serem verbalizados no todo narrativo apresentado ao interlocutor do velho Riobaldo. Como afirma Sandra Guardini Vasconcelos, a ficção é a maneira que o homem encontra, desde tempos imemoriais, “para tentar compreender os mistérios que o cercam; é ainda o modo como procura refazer seu próprio trajeto num esforço de desvendar as sombras do passado e perscrutar o futuro. (...) *é um instrumento de descoberta de si próprio e do mundo*” (Vasconcelos, 1997, p.128).

Considerando que o narrador está no encalço da decifração do sentido de certos pontos de sua existência, e que para isso crê ser preciso que esses se apresentem de forma ordenada e unitária, é possível que haja preenchimento dos vazios deixados pela memória. Esses preenchimentos que dão a possibilidade de apreender um todo, menos fragmentado e com uma significação mais estável, são características que o próprio narrador associa e admira na ficcionalização. Sua relação com o literário, o romance, é mostrada como mais uma forma de conhecimento, pois nesse campo ele achou *outras verdades, muito extraordinárias*⁴, além de que aprecia *demais* uma *continuação inventada*. Sobre isso afirma que “quanta coisa limpa verdadeira uma pessoa de alta instrução não concebe! Aí podem encher este mundo de outros movimentos, sem os erros e volteios da vida em sua lardeza de sarrafaçar. A vida disfarça? (...) No real da vida, as coisas acabam com menos formato, nem acabam” (p.79).

Ao contar a vida-vivida, Riobaldo chama atenção que “a vida da gente vai em erros, como um relato sem pés nem cabeça, por falta de sisudez e alegria” (p.228). Recrimina essa falta de lógica, mostrando seu anseio de estabilidade, aquele mesmo que o fazia desejar que o mundo tivesse seus *pastos demarcados*. É através da arte que irá exemplificar seu desejo: “Vida devia de ser como na sala

⁴ Riobaldo afirma isso ao se referir a leitura de um livro, o *Senclér das Ilhas. O primeiro desses que achei, de romance, porque antes eu só tinha conhecido livros de estudo* (p.355).

do teatro, cada um inteiro fazendo com forte gosto seu papel, desempenho. Era o que eu acho, é o que eu achava" (p.228).

Seu esforço para conceber uma visão unitária revela-se, porém, como uma tarefa demasiado árdua, ameaçando a possibilidade de compreensão unívoca:

não acerto no contar, porque estou remexendo o vivido longe alto, com pouco carço, querendo esquentar, demear, de feito, meu coração, naquelas lembranças. Ou quero enfiar a idéia, achar o rumozinho forte das coisas, caminho do que houve e do que não houve. Às vezes não é fácil. Fé que não é (p.164).

Percebe-se que a dinamicidade que havia no mundo das aventuras relatadas, no sertão como espaço de constantes mutações, está presente também no plano tanto da narrativa sobre os fatos, como o da reflexão sobre o sentido da existência. Onde tudo é dinamismo, a busca do conhecimento não pode atingir um ponto estático, fechado. Falando por *palavras tortas*, contando sua vida, que diz que *não entendeu* (p.457), Riobaldo afirma que conta: "é o que eu sei e o senhor não sabe; mas principal quero contar é o que eu não sei se sei, e que pode ser que o senhor saiba" (p.214). Apesar de o "que não sabe se sabe", a princípio se referir à existência ou não do demônio, Riobaldo, peregrinando em suas memórias para reconstituir sua peregrinação de jagunço, e para construir o significado tanto do seu passado quanto do seu presente, percebe que suas inquietações serão parte inseparável da existência de qualquer ser humano: "Vivendo, se aprende; mas o que se aprende, mais, é só a fazer outras maiores perguntas" (p.386).

Consciente de que, tanto no plano físico, como no da rememoração e no da reflexão, *o real não está na saída nem na chegada: ele dispõe para a gente é no meio da travessia* (p.60), Riobaldo com fragmentos que, como um arqueólogo⁵, escava na memória, constrói o desenho de sua trajetória anterior e presente, procurando desvendar os significados profundos do que está disposto

⁵ Expressão utilizada por Sandra Guardini T. Vasconcelos ao se referir a uma personagem do conto "Uma estória de amor", do livro *Corpo de baile*, de Guimarães Rosa. op. cit. p. 137.

no universo. Para isso, tanto vivência quanto memória ou criação são instrumentos válidos pois inerentes ao ser humano múltiplo que todos são e à vida que “está cheia de ocultos caminhos” (p.144), que não possui uma única verdade explícita:

Agora, que mais idoso me vejo, e quanto mais remoto aquilo reside, a lembrança demuda de valor - se transforma, se compõe, em uma espécie de decorrido formoso. (...) Os fatos passados obedecem à gente: os em vir, também. Só o poder do presente é que é furiável? Não. Esse obedece igual - e é o que é. Isto, já aprendi. (...) Então, onde é que está a verdadeira lâmpada de Deus, a lisa e real verdade? (p.321).

Ser que reage ao mundo, não o aceitando passivamente, distinguindo-se por isso desde sua juventude dos demais jagunços que se deixam levar pela correnteza dos acontecimentos, Riobaldo “se vê aremessado na busca inquietante do sentido de um mundo que o perdeu (...). A verdade existe em alguma parte, mas onde? As coisas têm sentido, mas qual? Não há respostas claras” (Schüller, 1969, p.56-65). Porém, não deixa de acreditar que a vida possua sentido, só descobre que não há um único meio de percebê-lo, como também ele não é único.

Como “mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende” (p.289), Riobaldo, após trazer ao mundo sua criação, o mosaico da vida humana, acaba sua trajetória, no espaço e no tempo, concluindo que não é preciso se preocupar com a existência nem do mundo da racionalidade, o qual foi insuficiente para lhe traduzir a vida que *não é entendível* (p.131), nem da espiritualidade, do mito, que se mantém na afirmação contraditória de *que o Diabo não existe. Pois não? (...) se for...* (p.568), pois tudo está subsumido a algo maior, capaz de comportar toda a contraditoriedade, multiplicidade, fragmentação, instabilidade e mutabilidade existente enquanto eterna travessia: o homem humano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMÕES, Luís de. **Os lusíadas**. São Paulo: Cultrix, s.d.

CÉSAR, Guilhermino et al. **João Guimarães Rosa**. Porto Alegre: Fac.Filosofia/UFRGS, 1969.

COUTINHO, Eduardo. **A terceira margem do rio**. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1993.

GARRETT, Almeida. **Viagens na minha terra**. Rio de Janeiro: Ediouro/Tecnoprint, s.d.

GUIMARÃES ROSA, João. **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

HOMERO. **Odisséia**. São Paulo: EDUSP, 1996.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Ática, 1998.

PROENÇA, M. Cavalcanti. **Trilhas do grande sertão**. Rio de Janeiro: Min. da Educação e Cultura, 1958.

SCHÜLLER, Donaldo. "O épico em **Grande sertão: veredas**". In: CÉSAR, Guilhermino *et al.* **João Guimarães Rosa**. Porto Alegre: Fac.Filosofia/UFRGS, 1969.

VASCONCELOS, Sandra Guardini T. **Puras misturas**. São Paulo: HUCITEC, 1997.

VIGGIANO, Alan. **Itinerários de Riobaldo Tatarana**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.

VIRGÍLIO. **Eneida**. Porto: Livraria Simões Lopes, 1955.

ABSTRACT: The study focuses on the different forms of the journey and memory in the literary work *Grande sertão: veredas*, by Guimarães Rosa. Firstly, it starts from a social-spatial level where the journey is seen as a geographical motion along the wilderness, that at the same time, assigns meaning to the real distance roamed by the gunman Riobaldo, and opens possibilities of interaction and reaction between the human being and the surrounding world and shapes the transformation of the narrator along his existence. The journey can also be seen as a subjective process of metamorphose, fundamental to the assertion/encounter of the main character identity of the novel. Parallely to the passage of Riobaldo along the wilderness and the search of his own assertion happens the process of recall accomplished by the narrative construction. The analysis of the flowing of the memory as well as of the ordering and "truth" of the narrative are fundamental elements to the understanding of the other level of the "journey" that is established in the novel and contributes to the idea of constant construction, changes of the values as well as the own human's life celebrated in *Grande sertão: veredas*.

KEY-WORDS: Brazilian literature; criticism; novel; Guimarães Rosa; *Grande sertão: veredas*.

